

CALÍRROE DE SIRACUSA, FILHA DO GENERAL HERMÓCRATES: DIÁLOGOS ENTRE CÁRITON E TUCÍDIDES

CALLIRHOE OF SYRACUSE, DAUGHTER OF GENERAL HERMOCRATES:
DIALOGUES BETWEEN CHARITON ANT THUCYDIDES

Adriane da Silva Duarte*

Resumo

Caso único entre os romances gregos do corpus erótico (*ideal love novels*), *Quéreas e Calíroo* (I d.C.) situa-se no passado clássico, mais precisamente na virada entre os séculos V e IV a.C.) e traz entre os personagens figuras históricas, notadamente Hermócrates de Siracusa, pai da heroína Calíroo. Hermócrates destacou-se na condução da frota siracusana que derrotou os atenienses durante sua investida contra a Sicília na Guerra do Peloponeso, como atesta Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, IV.58-65; VI.32-5, 72-3; VII.21, 73; VIII.26-9, 45, 85). O objetivo desse artigo é discutir o uso que o romancista faz desse *background* histórico e os limites entre história e ficção.

Palavras-chave: *Quéreas e Calíroo*; *História da Guerra do Peloponeso*; Cáriton de Afrodísias; Tucídides; romance antigo.

Abstract

A unique case among the Greek novels (*ideal love novels*), *Chaereas and Callirhoe* (I AD) is situated in the classical past, more precisely at the turn of the fifth and fourth centuries BC) and brings among the characters historical figures, notably Hermocrates of Syracuse, father of the heroine Callirhoe. Hermocrates stood out in the conduct of the Syracuse fleet that defeated the Athenians during their assault against Sicily in the Peloponnesian War, as attested by Thucydides (*History of the Peloponnesian War*, IV.58-65, VI.32-5, 72-3; VII.21, 73, VIII.26-9, 45, 85). The purpose of this paper is to discuss the novelist's use of this historical background and the boundaries between history and fiction.

Keywords: *Chaereas and Callirhoe*; *History of the Peloponnesian War*; Chariton; Thucydides; Greek novel.

* Doutora em Letras Clássicas. Professora associada do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. E-mail: asduarte@usp.br

No início do livro quarto de *Quéreas e Calíroo*,¹ há o relato de uma rebelião de escravos acontecida na Cária. Submetidos a uma carga de trabalho descomunal nos campos e constantemente maltratados, parte dos dezesseis prisioneiros, que dividiam um alojamento, amotinaram-se, romperam as correntes que os prendiam uns aos outros, degolaram o vigia e fugiram. Capturados, foram todos condenados, sem direito de defesa, à uma morte exemplar: a crucificação (CHARITON, IV.2.6). Dentre eles estavam Quéreas, o herói do romance, e seu amigo Policarmo. O primeiro resignou-se à sua (má) sorte, mas o segundo, sustentando nas costas a sua cruz, deixa escapar em voz alta: “É por você, Calíroo, que passamos por isso. Você é a causa de nossos males!” (CHARITON, IV.2.7: διὰ σέ, φησίν, ὃ Καλλιρρόη, ταῦτα πάσομεν. σὺ πάντων ἡμῶν τῶν κακῶν αἰτία.).

O desabafo é escutado por um intendente que logo suspeita que uma mulher, de nome Calíroo, havia auxiliado os fugitivos. Sendo imperioso prendê-la, leva Policarmo à presença de Mitridates, o sátrapa, para que, interrogado, revelasse o paradeiro de sua cúmplice. Diante de tal mal-entendido, o rapaz diz (CHARITON, IV.2.12): “Por que vocês se dão ao trabalho à toa buscando quem está ausente? Eu me recordei da Calíroo de Siracusa, filha do general Hermócrates (Καλλιρρόης ἐγὼ συρακοσίας ἐμνημόνευσα, θυγατρὸς Ἑρμοκράτους τοῦ στρατηγῶ)”. A declaração, em que consta o patronímico e a sua cidade natal, basta para desfazer qualquer confusão quanto a identidade da pessoa referida.

A passagem deixa claro o quanto a identidade da heroína, cujo nome dá título ao romance, está mesclada a de seu pai, o general Hermócrates de Siracusa. São ao menos outras sete ocorrências em que consta a expressão “filha de Hermócrates” para referir-se a ela (cf. CHARITON, I.14, II.5, V.1, V.5, V.8 duas vezes e VII.2), além de inúmeras outras menções ao parentesco. Gostaria de destacar uma delas, a primeira a ocorrer no romance. Logo após o parágrafo de abertura, o narrador introduz aquela que será sua protagonista dessa forma: “Hermócrates, o general siracusano, o mesmo que derrotou os atenienses, tinha uma filha chamada Calíroo, um espanto de donzela e estátua

¹ Romance de Cáriton de Afrodísias (I d. C.), considerado o primeiro exemplar do gênero dentre os que foram conservados, doravante referido por Q&C. O texto que serviu de base para as citações é o de Reardon (Chariton, 2004) e as traduções são de minha autoria.

idolatrada em toda a Sicília” (Ερμοκράτης, ὁ Συρακουσίων στρατηγός, οὗτος ὁ νικήσας Ἀθηναίους, εἶχε θυγατέρα Καλλιρρόην τοῦνομα, θαυμαστόν τι κρῆμα παρθένου καὶ ἄγαλμα τῆς ὅλης Σικελίας) (CHARITON, I,1). Ou seja, para apresentar a filha, o narrador começa por falar do pai que, supõe-se, deveria ser conhecido dos leitores, ajudando a situar a narrativa no tempo e no espaço – é bem verdade que no parágrafo inicial já estava dito que os acontecimentos relatados se passaram em Siracusa.

Hermócrates, como devem se lembrar os leitores de Tucídides, é um líder proeminente dos sicilianos, um dos generais designados para combater os atenienses durante a sua investida contra a ilha (TUCÍDIDES, VI 73)². Trata-se, portanto, de um personagem histórico, cuja introdução num relato ficcional dá o que pensar. O que pretendeu Cáriton com a introdução desse personagem? Seria *Quéreas e Calíroo* o que hoje costumamos chamar de romance histórico?

De todos os romances gregos do *corpus* erótico (ou de amor idealizado, *ideal love novel*), *Quéreas e Calíroo* destaca-se por situar sua narrativa num momento histórico bem definido e distinto do contemporâneo. Para ser dar a medida da excepcionalidade que implica, veja-se a observação de M. Bakhtin, para quem:

Em todo o mundo do romance grego, com todos os seus países e cidades, construções, obras de arte, estão totalmente ausentes quaisquer indícios do tempo histórico, quaisquer vestígios de época (BAKHTIN, 1988, p. 217).

Evidentemente essa afirmação não se aplica ao romance de Cáriton, cuja composição data do primeiro século de nossa era. O fato de a heroína ser filha de Hermócrates e de ele ser personagem ativo do romance, faz com que a ação narrada se situe entre o final do século V e o início do IV a.C, no pós-guerra do Peloponeso – já que não há indício do conflito nos deslocamentos e nos discursos dos personagens, a não ser como lembrança. E os esforços de Cáriton no sentido de fixar o período de sua narrativa ficam evidentes também no núcleo babilônico da história com a introdução no rol dos personagens de

² Tucídides, em *A história da Guerra do Peloponeso*, doravante *HGP*, menciona Hermócrates em diversas ocasiões. Cf. *HGP*, IV.58-65; VI.32-5, 72-3, 75-80; VII.21, 73; VIII.26-9, 45, 85.

Artaxerxes, o rei persa, que é identificado como Artaxerxes II Mnemon, cujo reinado vai de 404-358 a.C., e de sua esposa, Estatira.³ Assim, “os personagens principais de Cáriton movem-se e têm parte decisiva numa esfera política que envolve não só a cidade de Siracusa, mas também o Império Persa, o que é igualmente reflexo da relação que o autor escolhe manter com a historiografia clássica” (SANO, 2015, p. 80).

Voltando à figura de Hermócrates, ao que tudo indica a fonte de Cáriton para a construção da personagem foi Tucídides. Apesar do general siracusano ser mencionado também por Xenofonte (*Helênicas*, 1.127), Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica*, XIII) e Plutarco (*Nícias*, 26), o historiador ateniense é o que mais discorreu sobre ele, trazendo informações em primeira mão, como contemporâneo e partícipe do conflito que se propôs a relatar. Além disso, Cáriton não alude a eventos narrados por Diodoro Sículo, que dão conta inclusive da morte do general durante a guerra civil que se instala em Siracusa antes mesmo de finda a Guerra do Peloponeso (*BH*, XIII.75).

Conforme muitos antes de mim notaram, Cáriton evoca o discurso historiográfico em passagens diversas de seu romance⁴ e, muito especialmente, nos parágrafos de abertura e fechamento de *Quéreas e Calíroo* (HUNTER, 1994). A guisa de comparação, veja-se a frase inicial e final do romance e o começo da *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides:

Eu, Cáriton de Afrodisias, secretário do orador Atenágoras, vou narrar uma história de amor que aconteceu em Siracusa.

[Χαρίτων Ἀφροδισιεύς, Ἀθηναγόρου τοῦ ῥήτορος ὑπογραφεύς, πάθος ἐρωτικὸν ἐν Συρακούσῃς γενόμενον διηγήσομαι.]
(CHARITON, I.1)

Tal relato redigi a respeito de Calíroo.

³ Para o exame mais detalhado dos usos que Cáriton faz de elementos históricos, remeto ao artigo de Hunter (1994). A inconsistência cronológica que há no fato de Cáriton fazer coexistir a liderança de Hermócrates em Siracusa e o reinado de Artaxerxes, sendo que o primeiro morre antes do segundo ascender ao trono (407 ante 404 a.C.) deve ser relevado em vista das dificuldades de se estabelecer cronologias tão acuradas na Antiguidade ou mesmo do desinteresse em fazê-lo em vista dos objetivos do romance, que, se flerta com a história, não se pretende um produto dela derivado.

⁴ Dois exemplos: Lunginbill, R. D. Chariton's use of Thucydides history in Introducing the Egyptian Revolt. *Mnemosyne* 53, 1-11, 2000; Trzaskoma, S. M. Echoes of Thucydides' Sicilian Expedition in three Greek novels. *Classical Philology*, 116/1, 61-65, 2011. Reardon, em sua edição da Teubner do romance, anota uma série de paralelismos lexicais e estruturais.

[Τοσάδε περὶ Καλλιρόης *συνέγραψα*.] (CHARITON, VIII.8.16)

Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros.

[Θουκυδίδης Ἀθηναῖος *ξυνέγραφε* τὸν πόλεμον τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων...]⁵

Ao enunciar seu nome e o da cidade em que vive no início da narrativa, Cáriton de Afrodísias ecoa Tucídides de Atenas, assim como o registro do verbo *sýngraphēin* (συγγράφειν, escrever, redigir) ao seu final remete à abertura da *História da Guerra do Peloponeso*, em que é empregado.⁶ Seria o bastante para despertar no leitor culto a relação entre as obras.

Hunter (1984) sintetiza as posições dos que se debruçaram sobre a questão, notando que Cáriton promove intencionalmente uma tensão entre o discurso historiográfico, presente na assinatura autoral e nos verbos que emprega (γενόμενον, “que aconteceu”, συνέγραψα, “redigi”), e o ficcional, ao eleger por tema não mais a guerra, mas o amor (*páthos erotikón*, πάθος ἐρωτικόν).⁷ Esse jogo prossegue na medida em que ele faz da heroína, um personagem imaginado, filha dessa figura histórica.⁸ O efeito sobre o leitor seria o de promover uma diluição das fronteiras entre o real e o ficcional, levando-o a aceitar um gênero novo que se vale da prosa, notório veículo de expressão do que hoje denominaríamos não-ficção, para narrar histórias inventadas.

Smith (2007: 153) nota também que o emprego do verbo *diagésomai* (διηγῆσομαι, “vou narrar”), no final da oração que abre o romance, evidencia

⁵ Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Livro I. Tradução de Anna Lia A. de A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Doravante as citações de Tucídides seguirão a tradução de Mário da Gama Kury (TUCÍDIDES, 1992).

⁶ Para uma leitura mais detalhada, cf. Sano (2015, p. 78-80).

⁷ Lembre-se que em um passo famoso da *Poética*, Aristóteles distingue o ofício do historiador e o do poeta por aquele narrar o que aconteceu (*tá genómēna*) e este o que poderia acontecer (*án génoito*). Cf. Aristóteles, *Poética*, IX, 1451a 36-1451b 10.

⁸ Alguns estudiosos acreditam que Cáriton teria esboçado Calíroe a partir de notícias sobre uma filha de Hermócrates que fora desposada pelo tirano Dionísio da Sicília e morta durante uma rebelião (cf. Diodoro Sículo, *BH*, XIII.96; XIII.112; XIV.44) ou, conforme Plutarco (*Dionísio*, 3.1) que relata que ela teria se suicidado após ter sido violentamente ultrajada pelos siracusanos revoltados contra a tirania. É uma hipótese tentadora quando se considera que o segundo marido da heroína se chama Dionísio e que, depois de ser agredida por Quéreas, desfalece e é dada como morta. Contudo, faltam elementos para associar essa figura anônima (em Diodoro Sículo e em Plutarco ela será sempre referida como “a filha de Hermócrates”, τὴν Ἑρμοκράτους θυγατέρα) à personagem de Cáriton, que segue uma agenda própria – o seu Dionísio é um proeminente e refinado cidadão de Mileto, por exemplo, nada tendo em comum, além do nome, com o tirano da Sicília.

essa tensão, não só pelo uso da 1ª pessoa no lugar da 3ª, que ocorre em Tucídides e Heródoto, mas pela escolha do tempo futuro em lugar do passado (note-se em Tucídides o aoristo ξυνέγραφε) – que, no entanto, ocorre no final do romance, quando a narrativa já está perfeita. O efeito desse recurso, segundo o autor, é o de aproximar o ato narrativo e, portanto, o narrador, do leitor: “[...] é como se o narrador estivesse sentado ao lado do leitor no tempo presente e a história de amor anunciada constituísse uma performance narrativa feita de improviso” (“a kind of impromptu narrative performance”) que contrastaria com o ato acabado de composição oferecido pelo historiador – embora Tucídides, como sabemos, não tenha posto o ponto final em sua *História*. Não só a matéria narrada é passada, mas também a própria narrativa é dada por acabada na apresentação que dela se faz ao leitor. O interesse dessa leitura é compreender como Cáriton opera esses deslocamentos quanto à matéria e ao estilo da narrativa histórica para ressaltar a novidade de seu projeto.

Quanto a Hermócrates, se o retrato que Cáriton faz dele não reproduz fielmente o de Tucídides, é certo que retém características importantes.⁹ Note-se que ambos os autores demonstram apreço pela personagem. Começemos por Tucídides, que o descreve como orador persuasivo, cujos discursos, por vezes longos, reconstitui. Eu diria que essa é a principal característica que o historiador associa a ele, que nunca é retratado em ação, no calor da batalha, mas antes na tribuna, quer dirigindo-se aos siracusanos, seus conterrâneos, quer conduzindo embaixadas e tratativas. Assim, a primeira menção a ele na narrativa remete a uma situação de assembleia. Havendo disputas entre cidades sicilianas, foi acertado um armistício em 424 a.C. e convocada uma assembleia geral com representantes todas as cidades da ilha. Nessa ocasião:

⁹ Costuma-se notar que Cáriton é enfático quanto ao papel decisivo de Hermócrates na batalha naval que custou aos atenienses seus planos de expansão para Sicília. São várias as menções no romance que creditam diretamente a ele a vitória sobre os atenienses. Cf. Calíroo: “_ Pai, você que nesse mesmo mar trezentas naus dos atenienses bateu na batalha naval, um barco pequeno sequestrou sua filha sem que me preste ajuda alguma. Sou conduzida a uma terra estrangeira e devo, eu que nasci em família nobre, tornar-me escrava. Logo alguém comprará a filha de Hermócrates, um senhor ateniense talvez!” (CHARITON, I, 11). Tucídides não parece corroborar uma participação tão determinante assim (cf., por exemplo, SANO, 2015, p. 80).

[...] Hermócrates filho de Hêrmon, siracusano, cuja palavra era a mais acatada, dirigiu-se à assembleia geral [...] (TUCÍDIDES, IV.58)

[καὶ Ἑρμοκράτης ὁ Ἑρμῶνος Συρακόσιος, ὅσπερ καὶ ἔπεισε μάλιστα αὐτούς, ἐς τὸ κοινὸν τοιούτους δὴ λόγους εἶπεν.]

A tradução de Mário da Gama Kury talvez não dê conta do que está no original. O verbo *peitho* (πειθω, persuadir, ser acatado) está no aoristo e na voz ativa, com Hermócrates como sujeito, de modo que proponho: “Hermócrates, que os persuadiu sobremaneira” (e não “cuja palavra era a mais acatada”). Está sugerido que dele foram os argumentos mais persuasivos para que a reunião ocorresse – e não que fosse sempre capaz de convencer. Ainda assim, sua capacidade argumentativa e seu ímpeto conciliatório, transparecem nessa citação. Outra passagem, referente ao primeiro ano da guerra contra os atenienses, 415 a.C., ressalta como qualidades de Hermócrates inteligência (*xýnesis*, ξύνεσις), experiência (*empeiría*, ἐμπειρία) e coragem (*andreía*, ἀνδρεία). Segundo Tucídides:

Subiu então à tribuna Hermócrates filho de Hêrmon, homem que de um modo geral não perdia para nenhum outro em inteligência, e que nessa guerra se havia mostrado competente por sua experiência e notável por sua bravura (TUCÍDIDES, VI. 72).

[καὶ παρελθὼν αὐτοῖς Ἑρμοκράτης ὁ Ἑρμῶνος, ἀνὴρ καὶ ἐς τὰλλα ξύνεσιν οὐδενὸς λειπόμενος καὶ κατὰ τὸν πόλεμον ἐμπειρία τε ἰκανὸς γενόμενος καὶ ἀνδρεία ἐπιφανής [...]

O diagnóstico que fez da batalha que haviam acabado de travar e a capacidade de elevar o moral das tropas resultaram em sua indicação como um dos três generais (estrategos, στρατηγός) que dividiriam o comando a partir de então.¹⁰

No entanto, ao contrário do que Cáriton dá a entender, os sucessos militares de Hermócrates não foram nem duradouros, nem incontestes. No ano seguinte, 414 a.C., depois de uma derrota para os atenienses, ele foi destituído

¹⁰ Cf. Tucídides: “Os siracusanos, após ouvi-lo, aprovaram mediante votação tudo que ele aconselhou e escolheram três comandantes: o próprio Hermócrates, Heráclides filho de Lisímacos, e Sicanos, filho de Exécestos.” (TUCÍDIDES, VI, 73). Note-se que as menções aos companheiros de comando de Hermócrates são em muito menor número na HGP. Equiparável a ele, é Gilipos, o general lacedemônio que assume o comando da frente siciliana.

do comando, embora ainda mantivesse influência sobre as decisões militares.¹¹ Tucídides ainda menciona sua negociação com o sátrapa Tissafernes, sediado em Mileto, para que honrasse o pagamento das tropas de acordo com o que havia sido acertado com o Rei Persa, 413 a.C. (TUCÍDIDES, VIII. 29). Nessa passagem é designado “comandante siracusano Hermócrates” (Ἑρμοκράτους [...] τοῦ Συρακοσίου στρατηγοῦ), dando a entender que a ele tivesse sido confiado novamente o comando até que sobreviesse, pouco tempo depois, nova destituição, seguida de exílio:

Havia uma inimizade de longa data entre Tissafernes e Hermócrates por causa do pagamento de soldos, e recentemente, após o banimento de Hermócrates de Siracusa e a chegada de outro grupo de comandantes a Mileto para chefiarem a frota siracusana – eles eram Pótamis, Míscos e Dêmárcos – Tissafernes passara a hostilizar Hermócrates, agora um exilado, com violência ainda maior, acusando-o, entre outras coisas de lhe ter pedido dinheiro em certa ocasião, e de se haver tornado seu inimigo por não o ter obtido. Astíocos, então, partiu para a Lacedemônia juntamente com os milésimos e Hermócrates [...] (TUCÍDIDES, VIII, 85).

[ἔχθρα δὲ πρὸς αὐτὸν ἦν αὐτῷ αἰεὶ ποτε περὶ τοῦ μισθοῦ τῆς ἀποδόσεως: καὶ τὰ τελευταῖα φυγόντος ἐκ Συρακοσίων τοῦ Ἑρμοκράτους καὶ ἑτέρων ἠκόντων ἐπὶ τὰς ναῦς τῶν Συρακοσίων ἐς τὴν Μίλητον στρατηγῶν, Ποτάμιδος καὶ Μύσκωνος καὶ Δημάρχου, ἐνέκειτο ὁ Τισσαφέρνης φυγάδι ὄντι ἤδη τῷ Ἑρμοκράτει πολλῶ ἔτι μᾶλλον καὶ κατηγορεῖ ἄλλα τε καὶ ὡς χρήματά ποτε αἰτήσας αὐτὸν καὶ οὐ τυχὼν τὴν ἔχθραν οἱ προθοῖτο. ὁ μὲν οὖν Ἀστύοχος καὶ οἱ Μιλήσιοι καὶ ὁ Ἑρμοκράτης ἀπέπλευσαν ἐς τὴν Λακεδαιμόνα.]

Um apanhado das menções a Hermócrates em Tucídides revela ainda sua ferrenha oposição aos atenienses e sua aliança com os espartanos – aparece próximo a Glípiros e a Astíocos, e refugia-se em Esparta quando no exílio. Essa faceta anti-ateniense perpassa toda a obra, aspecto bastante enfatizado pelo historiador. Já na primeira menção a seu nome, quando da primeira incursão ateniense à Sicília em 424 a.C., Hermócrates denuncia a pretensão de Atenas de

¹¹ Para a destituição dos generais siracusanos, cf. Tucídides: “De fato, premidos por seus males presentes os siracusanos já suspeitavam uns dos outros, e por ocasião dos eventos mais recentes os comandantes das tropas haviam sido destituídos, sob alegação de que tais infortúnios haviam sido causados pela má sorte ou traição dos mesmos.” (TUCÍDIDES, VI, 103). Note-se que Tucídides sequer menciona o nome de Hermócrates nesse passo, adotando discrição com relação ao insucesso, contrariamente ao que faz com o sucesso, o que pode sugerir seu apreço. Para a influência de Hermócrates, cf. Tucídides, VII. 2, VIII. 26.

estender seu domínio sobre a ilha, incentivando disputas locais como forma de enfraquecê-los. Trata-se da velha tática do dividir para dominar. Assim, ele exorta seus conterrâneos: “[...] afastemos da Sicília o inimigo que nos ameaça e, se possível, façamos a paz entre nós para sempre, se isso não for exequível, concluamos uma trégua pelo período de tempo mais longo possível e deixemos para depois nossas divergências particulares” (TUCÍDIDES, IV. 63). E mais adiante, como conclusão:

[...] de hoje em diante jamais convidaremos povos de fora a intervir, seja como aliados, seja como mediadores. Se seguirmos essa política, proporcionaremos à Sicília desde já duas coisas desejáveis: livrar-se dos atenienses e escapar da guerra civil; e no futuro viveremos aqui, somente nós, em uma terra livre e menos exposta a ameaças estrangeiras (TUCÍDIDES, IV.64):.

[καὶ νῦν τοῦ ἀφανοῦς τε τούτου διὰ τὸ ἀτέκμαρτον δέος καὶ διὰ τὸ ἤδη † φοβεροῦς παρόντας ἀθηναίους, κατ’ ἀμφοτέρα ἐκπλαγέντες, καὶ τὸ ἐλλιπὲς τῆς γνώμης, ὧν ἕκαστός τι φήθημεν πράξειν, ταῖς κωλύμασι ταύταις ἰκανῶς νομίσαντες εἰρξθῆναι, τοὺς ἐφεσιῶτας πολεμίου ἐκ τῆς χώρας ἀποπέμπωμεν, καὶ αὐτοὶ μάλιστα μὲν ἐς αἰδίων συμβῶμεν, εἰ δὲ μὴ, χρόνον ὡς πλεῖστον σπεισάμενοι τὰς ἰδίας διαφορὰς ἐς αὐθις ἀναβαλώμεθα.]

Os argumentos surtem efeito e os siceliotas acordam a paz, incluindo os atenienses nas tratativas, de modo que a frota deixa a ilha e retorna a Atenas, onde os comandantes serão punidos por não terem levado adiante os planos de domínio (TUCÍDIDES, IV.65).¹² Sendo assim, Tucídides atribui a Hermócrates papel decisivo para frustrar os planos atenienses de conquista.

Essa oposição se torna ainda mais enfática por ocasião da segunda expedição contra a Sicília (415 a 413 a.C.). Quando as notícias sobre a incursão ainda não passavam de rumores, Hermócrates já advertia os siracusanos a levarem a sério a ameaça e precaverem-se, enquanto seus adversários o acusavam de semear o terror para tirar proveito próprio tendo por objetivo

¹² Cf. Tucídides: “Depois de Hermócrates haver falado assim, os siceliotas, persuadidos por seus conselhos, chegaram a um acordo entre eles. [...] Os siceliotas aliados dos atenienses então os convocaram para comunicar-lhes a intenção de concluir um acordo de paz e de também inclui-los no tratado. Os atenienses concordaram e o pacto foi concluído; em seguida a frota ateniense deixou a Sicília. Quando a frota chegou a Atenas, seus habitantes sentenciaram ao exílio os dois comandantes (Pitódoros e Sófocles) e multaram Eurímedon, o terceiro, acusando-os de se terem deixado subornar e de deixaram a Sicília no momento em que estavam em condições de dominá-la.” (TUCÍDIDES, IV, 65).

“dominar a cidade” (TUCÍDIDES, VI. 38). Na ocasião prevalece a posição de que o melhor seria adotar medidas de defesa contra uma possível invasão (TUCÍDIDES, VI. 41).

Alguns episódios evidenciam a verve anti-ateniense do general siracusano em Tucídides. Em primeiro lugar, destaco a antilogia entre Hermócrates e o ateniense Eufemo em Camarina, em que ele denuncia o discurso libertário de Atenas, que acusa de querer escravizar os demais gregos com o intuito de consolidar sua hegemonia. Os argumentos de Hermócrates são decisivos para que os habitantes de Camarina, tradicionais aliados de Atenas, votem pela neutralidade, abstendo-se de apoiar tanto siracusanos quanto atenienses, o que custa aos últimos a perda de uma base estratégica ilha (TUCÍDIDES, VI. 76-81).

Outro dano importante que o general infligiu aos atenienses foi o ardil de que se valeu para atrasar a retirada das forças áticas do território siciliano após a derrota na batalha naval, o que resultou em última instância no desmantelamento das tropas e na captura e morte de Nícias e Demóstenes (TUCÍDIDES, VII. 73). Ciente de que os siracusanos deveriam impedir o deslocamento imediato do exército ateniense, Hermócrates propôs que os atacassem imediatamente, à noite mesmo. Como os comandantes recusassem, em vista do cansaço dos homens e da realização de um festival religioso, adiando as providências para o dia seguinte, Hermócrates enviou emissários ao acampamento ateniense que, pretextando espionarem para eles, os instaram a aguardar até a manhã subsequente para começar a retirada, uma vez que tropas sicilianas estariam fazendo incursões nas vizinhanças. Assim os atenienses ficaram estacionados e quando se puseram em movimento, os siracusanos já estavam a postos. Desse modo, mesmo que Hermócrates não tenha comandado naus na batalha, como alega Cáriton, sua ação teria sido determinante para o desfecho da guerra.

Também vale a pena ressaltar o empenho com que Hermócrates, antes da batalha decisiva, tenta convencer os siracusanos a lutar de igual para igual com os atenienses no mar. Nessa época (413 a. C.), vale lembrar, ele já não estava mais no comando das tropas, reunidas sob a liderança de Gílipos. Segundo Tucídides:

Hermócrates, mais do que qualquer outro, exortou-os a não recearem atacar os atenienses com suas naus, afirmando que a perícia dos mesmos, como marinheiros não fora uma herança de seus pais nem um dom que sempre haviam possuído; ao contrário, originalmente eles eram mais voltados para terra que os siracusanos, e somente se tornaram marinheiros diante da ameaça dos persas. [...] Manifestou também a convicção de que os siracusanos, ousando enfrentar inopinadamente a frota ateniense, levariam vantagem sobre eles, pois isso os deixaria perplexos, contrabalançando de sobra os danos que os atenienses pudessem infligir com sua perícia à inexperiência dos siracusanos. Instou-os, assim, a realizarem a tentativa com a sua frota e a não hesitarem diante da ideia (TUCÍDIDES, VII. 21).

[ξυνανέπειθε δὲ καὶ ὁ Ἑρμοκράτης οὐκ ἦκιστα, τοῦ ταῖς ναυσὶ μὴ ἀθυμεῖν ἐπιχειρῆσαι πρὸς τοὺς Ἀθηναίους, λέγων οὐδ' ἐκείνους πατριὸν τὴν ἐμπειρίαν οὐδ' αἰδίων τῆς θαλάσσης ἔχειν, ἀλλ' ἠπειρώτας μᾶλλον τῶν Συρακοσίων ὄντας καὶ ἀναγκασθέντας ὑπὸ Μήδων ναυτικούς γενέσθαι. [...] καὶ Συρακοσίους εὖ εἰδέναι ἔφη τῷ τολμῆσαι ἀπροσδοκῆτως πρὸς τὸ Ἀθηναίων ναυτικὸν ἀντιστήναι πλέον τι διὰ τὸ τοιοῦτον ἐκπλαγέντων αὐτῶν περιγενησομένων ἢ Ἀθηναίους τῇ ἐπιστήμῃ τὴν Συρακοσίων ἀπειρίαν βλάψοντας. ἰέναι οὖν ἐκέλευεν ἐς τὴν πείραν τοῦ ναυτικοῦ καὶ μὴ ἀποκνεῖν.]

Como nota Tucídides, convencidos por esses argumentos, os siracusanos se lançaram com ânimo redobrado ao mar, colhendo bons resultados a partir de então.¹³

Essa revisão um tanto exaustiva da forma como Hermócrates é retratado por Tucídides é importante para que se veja que muitas das características que Cáriton lhe atribui são derivadas desse retrato, não obstante ele o sintetize e simplifique. O Hermócrates de Cáriton também é conciliador, persuasivo, anti-ateniense.

Cáriton também põe Hermócrates em cena em uma assembleia, em sua primeira aparição no romance, e atribuirá a ele uma decisão que resulta fundamental para a história que se propôs a narrar. Mas de acordo com o gênero romance a assembleia não tratará de guerra, mas de Eros, trata-se afinal da narrativa de um *páthos erotikón*. Afetado pela paixão que lhe despertou Calírroe, Quéreas, jovem estimado por toda cidade, definha. O pleito dos cidadãos é para que se faça o casamento entre eles, apesar da disputa havida entre seus pais:

¹³ Cf. Tucídides: “Persuadidos por Gilipos e Hermócrates e talvez outros, os siracusanos passaram a mostrar-se ansiosos pela batalha naval e começaram a tripular as naus.” (TUCÍDIDES, VII, 21).

Estava marcada uma assembleia regular. Após ter tomado assento, o povo clamou primeiro e em uníssono o seguinte: "Nobre Hermócrates, grande general, salve Quéreas! Este é o maior dos seus prêmios. A cidade deseja as bodas hoje, os noivos são dignos um do outro". Quem poderia descrever aquela assembleia, em que Eros era o principal orador? Hermócrates, um bom cidadão, não podia deixar de atender a demanda da cidade. Com sua anuência, todo o povo lançou-se para fora do teatro e, enquanto os jovens iam à casa de Quéreas, o Conselho e os arcontes acompanhavam Hermócrates. As mulheres siracusanas também compareceram à casa e participavam do cortejo nupcial. Cantou-se o himeneu por toda a cidade. As ruas estavam cheias de coroas e archotes. As portas das casas estavam salpicadas de vinho e de perfume. Com mais prazer os siracusanos passaram esse dia do que o dedicado à celebração da vitória (CÁRITON, I.1.11-13) .

[Ἐνέστη νόμιμος ἐκκλησία. Συγκαθεσθεις οὖν ὁ δῆμος τοῦτο πρῶτον καὶ μόνον ἐβόα 'καλὸς Ἑρμοκράτης μέγας στρατηγός, σῶζε Χαιρέαν. Τοῦτο πρῶτον τῶν τροπαίων. Ἡ πόλις μνηστεύεται τοὺς γάμους σήμερον ἀλλήλων ἀξίων.' Τίς ἂν μνηύσειε τὴν ἐκκλησίαν ἐκείνην, ἧς ὁ Ἔρος ἦν ὁ δημαγωγός; Ἀνὴρ δὲ φιλόπατρις Ἑρμοκράτης ἀντειπεῖν οὐκ ἐδυνήθη τῇ πόλει δεομένη. Κατανεύσαντος δ' αὐτοῦ πᾶς ὁ δῆμος ἐξεπήδησε τοῦ θεάτρου, καὶ οἱ μὲν νέοι ἀπήεσαν ἐπὶ Χαιρέαν, ἡ βουλή δὲ καὶ οἱ ἄρχοντες ἠκολούθουν Ἑρμοκράτει· παρήσαν δὲ καὶ αἱ γυναῖκες αἱ Συρακουσίων ἐπὶ τὴν οἰκίαν νυμφαγωγοῦσαι. Ὑμέναιος ἦδετο κατὰ πᾶσαν τὴν πόλιν· μεστὰ δὲ αἱ ῥύμια στεφάνων, λαμπάδων· ἐρραίνεται τὰ πρόθυρα οἴνῳ καὶ μύροις. Ἥδιονα ταύτην τὴν ἡμέραν ἦγαγον οἱ Συρακούσιοι τῆς τῶν ἐπιτικίων.]

Em primeiro lugar, deve-se notar que a premissa do romance é que a guerra é coisa passada,¹⁴ não fazendo mais parte das preocupações dos cidadãos, mas de suas memórias, constantemente cultivadas. Apesar de a reputação de Hermócrates estar apoiada fortemente na liderança que desempenhou na derrota dos atenienses (cf. “grande general”),¹⁵ Cáriton reserva a ele outro papel, o de pai de Calíroo. Na medida em que Afrodite predomina sobre Ares, é significativo que Eros seja designado o principal orador da assembleia em que se deliberou sobre o casamento dos jovens e que o anúncio e

¹⁴ Como na abertura dos relatos historiográficos, enquanto que a história de amor é futura.

¹⁵ Sobre a reputação de Hermócrates, cf. a fala de Dionísio em Q&C: “Nunca ouviu falar de Hermócrates, o general cujas estátuas se espalham por toda a Sicília? Hermócrates, por quem o rei dos persas tem admiração e apreço? A quem envia presentes todo ano por ter vencido no mar os atenienses, inimigos dos persas?” (CHARITON, II.6).

os preparativos das bodas proporcionassem mais prazer aos siracusanos do que as festas dedicadas a lembrar a vitória sobre os atenienses. Dessa perspectiva, Hermócrates, como “bom cidadão” (*philópatris*, φιλόπατρις), não poderia se contrapor “a uma demanda da cidade” e nem fomentar uma cisão que ameaçaria a harmonia na pólis. Ou seja, Cáriton propõe um ajuste em que Hermócrates é antes o pai de Calíroe, do que Calíroe a filha de Hermócrates, subvertendo o que Tucídides havia preconizado. Em Cáriton, tudo gira em torno de Calíroe e da história de amor que ela protagoniza, único meio capaz de assegurar a glória à cidade.

A presença de Hermócrates coloca em questão o tipo de leitor que o romancista almejava para sua história de amor. Esse é um debate ainda em curso e que se alimenta em grande parte da falta de evidências sobre a circulação e a recepção do gênero na antiguidade. Assim, as respostas têm sido buscadas nos próprios textos. Bowie (1996) faz um balanço da questão notando que há uma tendência a julgar que os primeiros romances, de Cáriton e Xenofonte de Éfeso, são menos elaborados estruturalmente e apresentam um estilo mais simples, sendo destinados a um público (homens e mulheres) educado, mas “não erudito ou intelectual”, suscetível ao sentimentalismo de seus enredos. Esse raciocínio pode até valer para Xenofonte de Éfeso, mas Cáriton, como nota o mesmo Bowie, é um maníaco das citações – dentre os romancistas é o que mais cita Homero, por exemplo. A estratégia de fazer de Hermócrates personagem pode sugerir a busca por um leitor “qualificado”, que tivesse interesse em história e fosse versado em Tucídides, por exemplo. Por outro lado, esse leitor poderia frustrar-se diante da inversão que o autor opera, ao relegar Hermócrates à função de pouco mais que um epíteto de Calíroe, a verdadeira heroína do romance. De qualquer modo, não posso me furtar a ideia de que o diálogo que o romancista estabelece com Tucídides tem a intenção de conferir-lhe credibilidade entre um público educado e situar os parâmetros desse novo gênero em que ele compõe: a épica e a história.

Por fim, seria *Quéreas e Calíroe* um “romance histórico”, como querem alguns estudiosos? Para além do anacronismo implicado no termo, creio que ele se revela inadequado na medida em que, salvo pelas menções pontuais às personagens históricas, pouco interesse há da parte do autor em recriar de

forma verossímil o contexto a que elas pertenceram. Durante a maior parte do romance prevalece o que Bakhtin (1988, p. 217) denominou de “tempo da aventura”, com o foco posto nos encontros e desencontros do par amoroso. Há, por certo, um perfume de História, capaz de inebriar, mas que logo se dissipa quando Calíroo entra em cena.¹⁶

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução e notas de Eudoro de Sousa. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986.

BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronotopo do romance (Ensaio de poética histórica). In *Questões de literatura e estética. (A teoria do romance)*. Tradução de Bernardini, A. F. e outros. São Paulo: Hucitec, 1988, 211-62.

BOWIE, E. The construction of classical past in the ancient Greek novels. in Eklund, S (ed.) *Συγκράματα. Studies in honor of Jan Frederik Kindstrand*. Stockholm: Elanders Gotab, 2006, pp. 1-20.

_____. The ancient readers of the Greek novels, in *The Novel in the ancient world*, G. Schmeling (ed.). Leiden, 1996, 87-106.

CÁRITON. *Quéreas e Calíroo*. Tradução de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34 (no prelo)

CHARITON. *De Callirhoe narrationes amatoriae Chariton Aphrodisiensis*. Edição de B. P. Reardon. Monacchi: K. G. Saur, 2004.

DIODORUS SICULUS. The Historical Library of Diodorus of Sicily in Twelve Volumes with an English Translation by C. H. Oldfather. Vol. 4-8. Cambridge, Mass.: Harvard University Press :1989.

DUARTE, A. S.. Passado e presente: Sicília e Mileto, Afrodísias e Roma no romance de Cáriton. In: *Clássica (Revista Nacional de Estudos Clássicos)*, São Paulo, v. 29/1, p. 67-80, 2016.

HUNTER, R. History and historicity in the romance of Chariton. In Haase, W. ; Temporini, H. (eds.) *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Teil II : Principat, v. 34/2. Berlin: Walter de Gruyter, 1994, 1055-86.

¹⁶ Em outro texto (DUARTE, 2016), argumento que a opção de Cáriton por situar a ação do romance no passado reflita menos a emulação do relato historiográfico, sendo antes uma estratégia para tratar indiretamente da relação entre Afrodísias e Roma no presente.

SANO, Lucia. História e ficção no romance grego e o caso de Siracusa em *Quéreas e Calíroe*, de Cáriton de Afrodísias. *Eutomia. Revista de Literatura e Linguística*, n. 15/1, 69-91, 2015.

SMITH, S. D. *Greek identity and the Athenian past in Chariton : the romance of empire*. Gronningen, Barkhuis, 2007.

THUCYDIDES. *Historiae*, in two volumes. Edited by H. Stuart Jones. Oxford, Oxford University Press, 1942.

TUCIDIDES. *História da Guerra do Peloponeso. Livro I*. Tradução de Anna Lia A. de A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1982.